

MATTOSO CÂMARA ESTILICISTA

Castelar de Carvalho (UFRJ)

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é prestar uma homenagem à memória de Mattoso Câmara neste ano do centenário de seu nascimento, lembrando uma faceta pouco explorada da obra do saudoso mestre: a de estudioso da estilística. Não fui seu aluno, infelizmente, mas tenho sido e serei sempre seu discípulo, por isso sou-lhe grato pelo muito que tem me ensinado, através dos livros e de sua presença inspiradora.

Considerado o introdutor da lingüística moderna no Brasil, Mattoso Câmara desenvolveu extensa e profícua atividade no campo dos estudos da linguagem e das idéias lingüísticas. De sua obra destacam-se três vertentes principais: fundamentos de lingüística geral, estudos descritivos do português (sobretudo fonologia e morfologia) e ensaios de estilística teórica e aplicada a textos de escritores brasileiros, com ênfase para Machado de Assis, seu autor predileto. Neste artigo, faremos um breve estudo dos três livros de Mattoso sobre o assunto (v. bibliografia): *Dispensos* (parte III), *Contribuição à estilística portuguesa* e *Ensaios machadianos*. Mas antes de nos ocuparmos de sua obra propriamente dita, façamos, a vôo de pássaro, uma síntese introdutória a respeito do conceito e das categorias básicas da estilística, assim como de suas relações com a gramática.

A ESTILÍSTICA

Definida como a disciplina lingüística que estuda os recursos afetivo-expressivos da língua (ou sistema, no sentido saussuriano), a estilística é uma ciência recente (fundada no início do século XX pelo suíço Charles Bally e o alemão Karl Vossler), mas um saber muito antigo, que remonta à tradicional retórica dos gregos. Tendo em comum o estudo da expressividade, distinguem-se, contudo, por seus objetivos: a retórica era uma doutrina com finalidade pragmático-prescritiva, enquanto a estilística, por seu comprometimento científico, apresenta um caráter mais descritivo-interpretativo, sem considerações de natureza normativa. Essa preocupação fica reservada à gramática, sistematização dos fatos contemporâneos da língua, com vistas a uma aplicação pedagógico-escolar.

Há quem veja a estilística antes como um procedimento metodológico do que propriamente uma ciência. É o caso do especialista espanhol José María Paz Gago (1993: 19): “La Estilística no es una ciencia sino un método, el método estilístico de análisis, descripción e interpretación de textos literarios”. De acordo com essa visão, a estilística é considerada como um subdomínio das ciências da linguagem, fundamentando-se em teorias lingüísticas e literárias de diversas tendências, como o idealismo, o estruturalismo, o gerativismo, a semiótica, etc.

Dividida por Guiraud (1970: 62) em estilística da língua ou da expressão (linha estruturalista de Bally: ênfase à expressividade latente no sistema) e estilística genética ou do autor (corrente idealista de Vossler e Leo Spitzer: ênfase à criação expressiva individual), trabalha com algumas categorias básicas, como funções da linguagem, estilo, desvio e escolha.

CATEGORIAS ESTILÍSTICAS

Estilo é o uso individual dos recursos expressivos da língua ou, como ensina Sílvia Elia (1978: 76), é “o máximo de efeito expressivo que se consegue obter dentro das possibilidades da língua”. Trata-se de um conceito intimamente relacionado com as noções de desvio e escolha, pois, como lembra mais adiante (p. 77) o saudoso mestre: “A tensão entre o espírito criador e as normas gramaticais é que explica o fenômeno do estilo, na sua gênese mais profunda”.

O efeito estilístico resulta não raro da singularidade, do desvio em relação ao padrão normativo e da escolha diante das virtualidades oferecidas pelo sistema. Por exemplo, Machado de Assis optou pelo desvio gramatical, para poder reproduzir com fidelidade a fala do escravo Prudêncio em *Memórias póstumas de Brás Cubas* (LXVIII): “É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje *deixei ele* (e não *deixei-o*) na quitanda, enquanto eu ia lá embaixo *na* (e não *à*) cidade”. Outro exemplo pode ser apreciado neste passo de Vieira, em que o autor, com o intuito de valorizar cada núcleo do sujeito composto, preferiu deixar o verbo no singular: “Mas nem a lisonja, nem a razão, nem o exemplo, nem a esperança *bastava* (e não *bastavam*) a lhe moderar as ânsias”.

O poeta Carlos Drummond de Andrade, para enfatizar a importância do deus Kom Unik Assão, não hesitou em transgredir a norma gramatical a respeito da formação do plural: “Eis-me prostrado a vossos *peses* / Que sendo tantos todo plural é pouco”. Lembremos, contudo, que só é estilístico o desvio que tem finalidade expressiva. E quanto à escolha, Gladstone Chaves de Melo (1976: 23) ensina que ela é “a alma do estilo”.

A respeito das três funções primordiais da linguagem, foram elas apreendidas pelo alemão Karl Bühler: representação, expressão e apelo, que correspondem, respectivamente, às faculdades de inteligência, sensibilidade e desejo ou vontade.

A representação é a linguagem referencial e denotativa, operando linearmente no eixo sintagmático. A expressão é a exteriorização psíquica de nossos anseios e sentimentos, e o apelo é o meio pelo qual exercemos influência sobre nossos interlocutores ou leitores, no caso da língua literária. Essas duas funções podem ter caráter conotativo e operar simbolicamente no eixo paradigmático. Por exemplo, uma definição do tempo de natureza puramente representativa diria: “O tempo é a sucessão das horas e dos dias e pode ser aproveitado de muitas maneiras”. Já um exemplo em que sobressaem a expressão e o apelo pode ser encontrado na elaborada e genial definição de Machado de Assis (*Esau e Jacó*, XXII): “O tempo é um tecido invisível em que se pode bordar tudo”.

A função de apelo adquire relevância no discurso publicitário, em frases como esta, divulgando uma tradicional instituição de ensino: “Inglês é cultura. Cultura Inglesa”. Ou esta outra, exaltando a solidez de uma seguradora: “Sul América: o nosso negócio é seguro”. As funções expressiva e apelativa geralmente caminham *pari passu*.

Cumpramos ressaltar que, enquanto a representação, por sua natureza intelectual, diz respeito à lingüística, as outras duas funções – expressão e apelo – interessam à estilística, devido à impregnação afetiva de que se revestem. Na prática, essas três funções se integram, tanto no texto informativo quanto no literário, podendo ocorrer o predomínio de uma ou de outra, dependendo do tipo de discurso.

Quanto às relações entre a estilística e a gramática, cabe salientar que essas duas disciplinas não são excludentes, ao contrário, são complementares e interativas. Vale lembrar que muitas das aparentes irregularidades registradas pela gramática têm sua origem em motivações de natureza estilística. O método de análise estilística segue inclusive as divisões clássicas da gramática, daí a tripartição em: estilística fônica, léxica e sintática.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTILO EM DISPERSOS

Para definir estilo, Mattoso parte de duas premissas: a clássica dicotomia saussuriana *langue* (língua, lado social da linguagem) / *parole* (fala ou discurso, lado individual) e as três funções básicas da linguagem propostas por Bühler. Cabe salientar que a representação, para Mattoso, é a própria essência da comunicação lingüística, pois é ela que estrutura e simboliza em nosso espírito a realidade material e sociocultural em que vivemos como falantes de uma língua. Estilo, para Mattoso, é, portanto, “um conjunto de processos que fazem da língua representativa um meio de exteriorização psíquica e apelo (no sentido de Bühler)” (p. 136). Lembrando a natureza individual (fala) do estilo, não obstante sua vinculação implícita com o

sistema coletivo (língua), Mattoso reafirma os aspectos da personalidade nele presentes, “porque o mundo dos sentimentos é muito mais nosso do que o das idéias” (p. 137).

Mattoso propõe também uma distinção entre o emocional e o estético (p.137), usando o seguinte exemplo: se um homem perde o filho e chora desesperado de dor, isto diz respeito ao emocional; se a sua dor, porém, se transfigura numa elegia como o *Cântico do calvário*, em que o poeta romântico Fagundes Varela chora poeticamente a morte do filho, isto é estético, porque ocorreu, no caso, a integração das três funções da linguagem, com ênfase naturalmente para a função expressiva. Nas palavras de Mattoso, “houve a integração do mundo representativo no mundo emocional e se teve num “estético” o fator “representação” multiplicado pelo fator emoção” (p. 137). E acrescentaríamos: a dolorosa emoção do pobre pai necessitado de conforto é objeto de preocupação do religioso ou do psicólogo; já a emocionada elegia de Fagundes Varela é objeto de estudo da estilística, melhor dizendo, do estilicista.

Mattoso compara o estilo literário com a gíria, apontando nesta “um estilo que se integra na língua popular” (p. 138). Reconhecendo o lado estético da gíria e seu paralelismo com a língua literária, afirma em *Ensaaios machadianos* (p. 136): “Ora, a gíria é justamente a linguagem poética correspondente à língua popular”. Alega o mestre que os recursos de expressividade e apelo também se encontram na gíria. Embora esta use materiais diferentes daqueles empregados pela língua literária, os processos de valorização estética são os mesmos, conforme ele explicita no livro *Ensaaios* acima citado (p. 136):

A metonímia, a metáfora, a catacrese, a ironia, e todas as demais figuras de linguagem, que a retórica define e metodiza, aparecem na gíria, exteriorizando estados psíquicos e visando a impressionar e suggestionar o próximo.

Existe, portanto, para Mattoso, no essencial, afinidade entre a expressão literária, seja prosa ou poesia, e a gíria enquanto expressão do espírito popular. A diferença é que a gíria é de natureza coletiva, enquanto o chamado estilo literário é mais pessoal. É importante destacar a posição bastante liberal de Mattoso, como homem de ciência, nessa questão da gíria, encarada, em geral, com certo preconceito pelos estudiosos do seu tempo.

Mas voltemos aos *Dispersos*. Prossegue Mattoso, agora explicitando o que ele chama de traço estilístico, identificando-o com o estilo pessoal, ambos baseados em uma das categorias estilísticas: o desvio. Ensina o mestre (p. 140): “o estilo se caracteriza em regra por um desvio da norma lingüística assente”. E cita, como exemplo de desvio com finalidade estilística, a frase com que Machado de Assis descreve o fim melancólico do pobre louco Rubião (*Quincas Borba*, CC), que, pensando ser Napoleão, imperador francês, ergueu uma ilusória coroa e colocou-a sobre a cabeça demente. Mas não havia coroa nenhuma, nem “ao menos, um chapéu velho ou uma bacia”. E aí é que Machado envereda pelo desvio estilístico: Rubião “pegou em nada, levantou nada e cingiu nada”, em vez da construção usual com duas negativas: “não pegou em nada, não levantou nada e não cingiu nada”. O emprego do *nada*, sem o advérbio *não* antes do verbo, enfatiza o valor substantivo e negativo (= *coisa nenhuma*) desse pronome indefinido e fuge, ou melhor, desvia-se do padrão sintático comum, ressaltando expressivamente o gesto insano do personagem. Ora, essa escolha do autor (e a escolha é outra importante categoria estilística) constitui, no caso, uma questão de traço estilístico original ou estilo pessoal, uma vez que o próprio Machado costuma empregar em seus textos a construção usual: não + verbo + nada.

Por fim, Mattoso chama a atenção para o fato de que o desvio só é tolerável quando está a serviço de uma finalidade estética. Não se confunde, portanto, com o erro, como ele tem o cuidado de advertir: “É claro que toda deformação que serve a esse fim [o estético] é um traço estilístico e não um erro” (p. 140). E conceituando o que é erro em estilística, ensina: “O erro, do ponto de vista estilístico, é a deformação que não conduz a nada ou aquela que provoca um efeito negativo” (p. 140). Tal ponto de vista remete à sua concepção inicial de estilo, como uma categoria vinculada implicitamente a uma norma, devido ao seu caráter, no fundo, social, pois “não há estilo pessoal absoluto; todo estilo prende-se a uma socialização” (p. 141), o que não impede o escritor (antes o desafia) de produzir efeito estilístico com suas “extravagâncias” (aqui nos lembramos de Guimarães Rosa).

Em resumo, exteriorização e apelo, bases da expressividade, sim; ruptura com a função primacial da linguagem, a comunicação, baseada no sistema representativo, não. Em outras palavras, para que o desvio produza efeito estilístico, é necessário que esteja impregnado de uma carga afetiva partida do autor (lado individual) e partilhada com o leitor (lado social), o qual, por sua vez, precisa ter um mínimo de sensibilidade e percepção estético-lingüística para poder fruir o achado estilístico que ele tem em mãos.

Encerrando esta parte, cumpre destacar a preocupação de Mattoso Câmara em insistir nas implicações recíprocas existentes entre o estilo e a língua como sistema representativo de natureza social. Ouçamos suas ponderações, constantes do livro *Contribuição à estilística portuguesa* (p. 24):

Se a essência do estilo está, como vimos, em ser uma manifestação psíquica ou um apelo por meio da linguagem, a base verdadeiramente sólida da estilística é o balanço dos processos expressivos, em geral, de uma língua, independentemente dos indivíduos que dela se servem.

E enfatizando as relações de complementaridade e interação existentes entre a gramática e a estilística, explicita o papel desta (p. 24):

Consiste em assinalar, ao lado de um sistema de fundo intelectual, um sistema de expressividade que nele se insinua e com ele funciona inelutavelmente. Assim compreendida, [a estilística] é o complemento da exposição gramatical, desdobrando-se, como esta, no exame dos sons, das significações e das ordenações formais.

ESTILÍSTICA APLICADA

A par do seu trabalho como teorizador da estilística, desenvolvido em palestras e artigos, sobretudo no livro *Contribuição à estilística portuguesa*, Mattoso Câmara foi também um grande estilicista, no sentido de analista sensível e perspicaz dos recursos expressivos da língua portuguesa, presentes em textos de nossos poetas e prosadores, com destaque para Machado de Assis, devido à riqueza e versatilidade lingüístico-expressivas que caracterizam o estilo do nosso maior escritor.

Em *Dispersos* (p. 143), por exemplo, topamos com o artigo “Um caso de colocação”, em que Mattoso nos encanta com uma brilhante análise do soneto *A cavalgada*, do poeta parnasiano Raimundo Correia. Com argúcia interpretativa e fina sensibilidade, o mestre explora a colocação do adjetivo nos sintagmas “solitária estrada” e “estrada solitária”, no primeiro e no último verso do soneto, respectivamente. Um estudo, portanto, de estilística sintática.

Chamando a atenção para o fato de que, em português, a posição do adjetivo em relação ao substantivo pode funcionar como marcador semântico-estilístico (cf. pobre homem/homem pobre, autor defunto/defunto autor), Mattoso ensina que:

No caso de “solitária estrada” e “estrada solitária”, que no seu soneto Raimundo Correia sucessivamente empregou, o caráter conotativo da primeira locução e denotativo da segunda é que explicam a dupla colocação adotada (p. 147).

E, mais adiante, explica, à luz das motivações estilísticas, a sintaxe explorada pelo poeta:

No primeiro verso, tratava-se, antes de tudo, de sugerir a erma quietude da estrada, para criar um clima emocional capaz de nos fazer sentir o contraste de vida e alegria que a cavalgada vai trazer à paisagem noturna. (...) No último verso, as condições são outras. Trata-se, antes de tudo, de acentuar que a estrada, depois daquela interrupção de vibração e barulho, voltou à solidão. O adjetivo passa a ter um primacial propósito descritivo, para se estabelecer o contraste entre o estado final e o imediatamente anterior (p. 147-148).

Ressaltando que as duas colocações basearam-se em padrões frasais imanentes na língua, mas tendo em vista o efeito estilístico, conclui Mattoso (p. 148): “Vemos, assim, que as mudanças de colocação entre o primeiro e o último verso, dentro de um esquema de repetição, não foram arbitrárias”.

Recomendamos ao leitor a degustação desse brilhante artigo do nosso saudoso lingüista, uma aula magistral de estilística genética ou do autor, com suas inerentes implicações com a

estilística da expressão ou da língua. Trata-se, a nosso ver, da mais refinada análise já feita do conhecido soneto de Raimundo Correia.

Mas os estudos mais completos de estilística aplicada produzidos por Mattoso encontram-se nos onze capítulos de *Ensaaios machadianos*. Neste livro precioso, ele reuniu análises geniais, nas quais trata das três estilísticas: fônica, léxica e sintática, e ainda sobra espaço para incursões pela filosofia, poesia, o discurso indireto livre e a intertextualidade Machado de Assis/Edgar Allan Poe, escritor americano. Baseados em sólida fundamentação lingüística, esses ensaios têm em comum a coerência, a lucidez e a segurança, marcas pessoais do seu estilo. Curioso é que o Mattoso estilicista parece um tanto contrafeito diante do Mattoso lingüista. Suas palavras introdutórias (p. 7) contêm um vago tom de desculpa do primeiro ao segundo:

Às vezes ousei desgarrar-me do meu campo estrito de estudo, que é a lingüística e a filologia. Em regra, porém, mantive-me nele, procurando explorar as possibilidades que oferece a obra machadiana a uma crítica assente no exame técnico da linguagem.

Destacamos o perspicaz ensaio intitulado “Cão e cachorro em *Quincas Borba*” (p. 9), em que Mattoso analisa os matizes léxico-afetivos existentes nesses dois vocábulos explorados por Machado de Assis em seu romance. Contrapondo os conceitos de língua transmitida e língua adquirida, Mattoso demonstra que “cachorro”, termo mais coloquial, pertence à primeira, enquanto “cão”, por suas implicações eruditas, é vocábulo situado mais no âmbito da segunda. Não deixa também de ressaltar o tabu lingüístico que o envolve, na língua familiar, em que “cão” é sinônimo de “diabo”.

Em seu estudo, Mattoso trabalha com a categoria de escolha estilística e revela-nos como Machado joga o tempo todo com esses dois vocábulos, explorando-os expressivamente, para denotar ora matizes afetivos em “cachorro”, devido à carga de envolvimento pessoal dos personagens, ora os aspectos negativos e de rejeição de que se impregna o termo “cão” na narrativa machadiana.

Esse ensaio mattosiano, na linha da estilística léxica, contribui, além disso, para um melhor conhecimento do português do Brasil, onde os termos “cão” e “cachorro” se alternam de fato, no uso corrente, em situações específicas e com matizes diferentes. Como reconhece o próprio Mattoso (p. 24): “As conclusões parecem fecundas, tanto para o conhecimento do estilo de Machado de Assis, quanto para o conhecimento íntimo da linguagem brasileira”.

Dois outros capítulos merecem destaque em *Ensaaios machadianos*: “O discurso indireto livre em Machado de Assis” (p. 25) e “Um soneto de Machado de Assis” (p. 125). No primeiro, estudo pioneiro, Mattoso trata da gênese do discurso indireto livre e apresenta valiosas informações teóricas a respeito desse importante recurso narrativo, cuja aplicação típica é a de “traduzir estados mentais dos personagens, em vez das palavras de um diálogo” (p. 37), o que o identifica com a técnica do *stream-of-consciousness* (fluxo da consciência), explorada pelo escritor irlandês James Joyce em seu famoso romance *Ulisses*. Em seguida, num estudo percuciente de estilística aplicada, analisa essa modalidade de discurso em textos de *Quincas Borba*, alertando antes que “ele se encontra já perfeitamente estruturado em Camões” (p. 31).

Tomamos a liberdade de mencionar que, seguindo as pegadas do mestre, em nosso livro *Ensaaios gracilianos*, abalancamo-nos à análise do discurso indireto livre em *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, e o estudo pioneiro de Mattoso Câmara nos foi muito útil, servindo de base para o nosso trabalho.

Com relação ao ensaio “Um soneto de Machado de Assis”, diga-se a bem da verdade, é a mais original e mais sensível análise do célebre poema *A Carolina*, em que Machado reverencia carinhosamente a memória de sua querida esposa. O nosso Mattoso Câmara assim o resume:

A essência do poema é, com efeito, a conceituação de um “cadáver vivo”, a descobrir uma vida física e mental na base de “pensamentos idos e vividos”, já privado do sopro vital que os poderia incentivar e recriar (p. 128).

Mattoso também identifica no soneto influências camonianas, ao afirmar (p. 128): “O estilo tem um cunho nitidamente quinhentista”, por sua “formulação global, lingüística e rítmica”.

Centrando sua análise na estruturação do soneto, sinaliza (p. 129): “O que, entretanto, mais aí nos deve interessar é a “forma interna”, isto é, o plano formal imanente no desdobramento das frases”. Mattoso articula o “plano formal” com a “concatenação de idéias ascendentes em amplitude e intensidade” (p. 129). Desse modo, divide o poema em três partes: A) visita à sepultura (dois primeiros quartetos); B) oferta de flores (1º terceto) e C) poeta morto para o mundo (2º terceto). E conclui Mattoso (p. 132): “O poeta articulou sutilmente a parte C com a parte B, tirando-a da expressão, aparentemente secundária, de que ele está tão morto quanto a sua Carolina”.

E após sua originalíssima análise, encerra o estudo com estas palavras modestas, próprias do homem verdadeiramente sábio:

É nesta forma interna e no seu contraste com o plano natural de um soneto, que me parece estar, estilisticamente, a significação da pequena jóia poética que acabamos de rapidamente apreciar (p. 133).

Permita-nos acrescentar, mestre Mattoso: se o soneto de Machado é uma jóia poética, a sua análise sensível e inteligente é uma jóia estilística, mais uma inolvidável lição para todos quantos nos consideramos seus devotados discípulos.

CONCLUSÃO

Explorando as funções de apelo e expressividade, integradas à de representação, Mattoso Câmara produziu estudos primorosos de estilística fônica, léxica e sintática, nos quais analisou os recursos afetivo-expressivos da língua portuguesa, com ênfase para Machado de Assis. Seus ensaios de estilística, tanto a da expressão (ou sistema), quanto a do autor (ou genética), sobressaem pela lucidez conceitual, a precisão e a coerência descritivas, marcas pessoais do texto mattosiano, a par da fina sensibilidade demonstrada no trato dessa importante disciplina que faz a ponte entre a literatura e a gramática. Seus estudos de estilística se contrapõem à imagem estereotipada do lingüista – um técnico da linguagem – , revelando um homem sensível às coisas do espírito, ao lado afetivo da comunicação lingüística. Como professor, antes de tudo, Mattoso destaca a interação gramática-estilística, pois uma disciplina complementa a outra, despertando a sensibilidade lingüística e o gosto literário do aluno, além de motivar e tornar menos árido o estudo da matéria gramatical. A estilística funciona, sobretudo, como subsídio, nas aulas de português, para a prática da redação e da compreensão de textos. Todos nós, profissionais do ensino, temos muito a aprender lendo as obras do Mattoso estilicista.

BIBLIOGRAFIA

- CAMARA JR., J. Mattoso. *Contribuição à estilística portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.
- . *Dispersos*. Introd. e seleção por Carlos Eduardo Falcão Uchôa. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.
- . *Ensaio machadianos*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.
- ELIA, Sílvio. A estilística. **In:** *Orientações da lingüística moderna*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.
- GAGO, José María Paz. *La estilística*. Madri: Editorial Síntesis, 1993.
- GUIRAUD, Pierre. *A estilística*. Trad. de Miguel Maillat. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- MELO, Gladstone Chaves de. *Ensaio de estilística da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.